



Home | Primeira Página | Índice de Hoje | Últimos 7 Dias | Pesquisas

Ciências

Pescas no Atlântico Norte Podem Entrar em Colapso em 2025

Por ANA FERNANDES

Quarta-feira, 20 de Fevereiro de 2002

Cientistas alertam para situação catastrófica

O número de peixes baixou para um sexto em relação ao que existia em 1900 e as capturas diminuíram para metade em 50 anos



As águas do Atlântico Norte estão a ser sobreexploradas e os recursos piscícolas podem entrar em colapso em 2025, indica um estudo sobre as pescas neste oceano, apresentado no encontro da Associação Americana para o Avanço da Ciência, que ontem terminou em Boston, nos Estados Unidos.

Um grupo internacional de cientistas realizou o levantamento mais exaustivo já feito sobre a pesca no Atlântico Norte e concluiu que a apanha de espécies como o bacalhau, o atum, a arinca, a solha ou a pescada diminuiu para metade nos últimos 50 anos, apesar de a frota pesqueira ter triplicado. E o número de indivíduos pode ter baixado ainda mais, já que os efectivos das espécies de maior valor comercial, como o atum e o bacalhau, diminuíram para um sexto em relação ao que existia em 1900.

"Só estamos a conseguir manter os lucros através de um aumento do esforço de pesca", disse Daniel Pauly, do Centro de Pescas da Universidade da Columbia Britânica, no Canadá, e responsável pelo estudo. "Mas precisamos de peixe para ter peixe e provocámos uma enorme redução na produtividade" das populações, acrescentou.

Os colapsos desastrosos das espécies na Nova Inglaterra e na Terra Nova - patente na guerra da palmeta - pareciam ser localizados, mas este novo levantamento

Tempo

Calvin Bartoon

Programação TV

GUIA DO LAZER

demonstra que o desastre parece abranger todo o Atlântico Norte. "Podemos pensar que estamos a conseguir administrar algumas espécies, mas o que é certo é que estamos a perder a batalha da gestão das pescas neste oceano", diz Pauly.

"Qualquer dia, estamos a fazer sanduíches de medusa", diz Reg Watson, outro dos autores do estudo. Só que, adianta Pauly, citado pela revista de divulgação científica "New Scientist", "não se trata de uma metáfora - os EUA já estão a exportar medusas".

A única forma de inverter esta tendência, dizem os autores do estudo, é fazer a gestão dos "stocks" numa perspectiva mais global, abrangendo todas as espécies com interesse comercial no Atlântico Norte. E limitar a pesca através, por exemplo, da delimitação de zonas interditas e, ao mesmo tempo, reduzindo as frotas pesqueiras. Uma medida sem a outra seria contraproducente, pois já se tentou proteger certas zonas para permitir a reposição dos "stocks", mas os navios proibidos de ali entrar rumavam a outras zonas, sobreexplorando-as.

Andrew Rosenberg, da Universidade de New Hampshire, diz, por seu lado, que a palavra "menos, em pescas, significa mais, ou seja, se se pescar menos, tem-se mais peixe".

Normalmente, o desaparecimento dos recursos faria com que os pescadores deixassem de pescar, mas os subsídios governamentais acabam por encorajar a sobreexploração dos "stocks", defende Watson, acrescentando que em todo o Atlântico Norte estes subsídios ascendem a 2,9 mil milhões de euros por ano. Este dinheiro acaba por ser usado para obter equipamentos mais sofisticados para detectar o pouco peixe que resta.

Além disso, os cientistas estudaram o consumo de combustível pelos navios, concluindo que hoje se gasta o dobro de gasóleo para capturar uma tonelada de peixe em comparação com o que era gasto há 20 anos.

Para o consumidor europeu e norte-americano, que continua a encontrar peixe no mercado, a crise neste sector está mascarada pela importação de pescado de outras partes do mundo, o que faz com que o problema comece a alastrar a nível global.

Rosenberg tem dúvidas de que os acordos internacionais sobre pesca existentes consigam modificar a situação a curto prazo. A FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) e a OCDE têm projectos que poderiam ser eficazes, mas como a sua aplicação é voluntária têm pouco impacto. As Nações Unidas estão a discutir um plano de acção, mas pode demorar dez anos até que seja aprovado.

Pauly defende que só um movimento da opinião pública semelhante ao que aconteceu nos anos 70 em relação às baleias pode mudar alguma coisa. Ou então, daqui a uns anos, apenas conheceremos derivados moldados em forma de peixe, feitos, quem sabe, à base de medusa ou plâncton. ▲

OUTROS TÍTULOS EM CIÊNCIAS

- [Pescas no Atlântico Norte podem entrar em colapso em 2025](#)
- [Apelo ao boicote](#)
- [Trabalho sobre cancro do estômago vale distinção a três portugueses](#)

publico.pt publiconline última hora desporto guia do lazer bd cinecartaz tvzine
fotojornalismo calvin bartoon tempo serviço público copyright publicidade ficha técnica

© 2000 PÚBLICO Comunicação Social, SA
Emails: Direcção Editorial - Webmaster - Publicidade